



Igor Ulisses Leite Gomes

CONSUMO E JUVENTUDE: percepções dos alunos da EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2016

Igor Ulisses Leite Gomes

CONSUMO E JUVENTUDE: percepções dos alunos da EPSJV/FIOCRUZ

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para a obtenção do grau técnico de nível médio de Gerência em Serviços de Saúde.

Orientador(a): Letícia Batista da Silva

Rio de Janeiro

2016

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
CURSO TÉCNICO EM GERÊNCIA EM SERVIÇOS DE SAÚDE

CONSUMO E JUVENTUDE: percepções dos alunos da EPSJV/FIOCRUZ

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para a obtenção do grau técnico de nível médio de Gerência em Serviços de Saúde.

Banca Examinadora em 19/12/2016.

Profª. Letícia Batista da Silva (Orientadora)
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV

Profª. Adelyne Maria Mendes Pereira
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV

Prof. Marcello Coutinho
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) e todos seus funcionários, não só pelo apoio institucional – o que possibilitou a realização do presente trabalho – mas também por todas as maravilhosas experiências e grandes aprendizados que tive durante os quatro anos de formação. Estudar na EPSJV foi, indubitavelmente, umas das maiores felicidades da minha vida. Sou completamente grato a todos: professores, diretores, inspetores, ao pessoal da limpeza, do bandeirão etc, por tudo que vivi ao longo desse ciclo.

Agradeço carinhosa e afetivamente a minha querida orientadora, Doutora Leticia Batista da Silva que, sempre com muito bom humor, paciência, compreensão etc, construiu comigo esse trabalho tão importante para minha formação e para minha vida acadêmica. Além de uma ótima pessoa é também uma grande orientadora. Sou grato por todo o saber que pudemos compartilhar ao longo dessa caminhada.

Um agradecimento especial à todos e todas entrevistados, os quais foram primordiais para a realização do presente trabalho. Agradeço a todos que me ajudaram direta ou indiretamente, incentivaram e estiveram comigo durante a realização do presente trabalho.

Agradeço também aos queridos professores membros da banca, professora Adelyne Mendes e professor Marcello Coutinho, por nossa caminhada na escola, pelos ensinamentos, pelas contribuições na construção deste trabalho.

Também agradeço a minha família. Minha madrinha pelo amor, carinho, pela base material indispensável e pelo incentivo para a realização do trabalho. Meu pai, meu irmão, minha vó, meu avô e meus amigos, por estarem sempre ao meu lado, incentivando e acreditando em mim.

*Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem.
Rosa Luxemburgo*

*A crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias,
não para que o ser humano usasse as cadeias sem qualquer
fantasia ou consolação, mas para que se libertasse das cadeias e
apanhasse a flor viva.
Karl Marx*

RESUMO

O objetivo desta monografia foi compreender algumas percepções de estudantes da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio sobre os temas “consumo e juventude”. Trata-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa utilizando como método a entrevista aberta. Para a realização deste estudo utilizou-se como categorias de análise “neoliberalismo e consumo” e “juventude e consumo”.

Palavras-chave: juventude e consumo; neoliberalismo e consumo; consumo no Brasil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. PROBLEMATIZAÇÃO DO OBJETO	
2.1 Neoliberalismo: um estimulador da cultura do consumo	11
2.2 Juventude e Consumo: algumas observações	15
3. RESULTADOS DA PESQUISA	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
APÊNDICE 1 – Roteiro de Entrevistas	42
APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	43

1. INTRODUÇÃO

Acreditamos que uma sociedade baseada no consumo é insustentável. A partir de nossa experiência pessoal, entendemos que o tema consumo é algo presente no cotidiano da juventude. Discutir alguns elementos da questão “consumo” surge do nosso desejo de aprofundar essa temática de modo a trata-la numa perspectiva societária, mas também dando voz aos meus pares, alunos do ensino médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Ou seja, nossa intenção é realizar uma aproximação teórica ao tema consumo e também prática, identificando qual a percepção de alunos da EPSJV sobre o tema.

O objetivo desta monografia foi compreender algumas percepções de estudantes da EPSJV sobre os temas “juventude e consumo”. Os objetivos específicos foram: 1) Identificar as características do neoliberalismo e sua relação com o tema consumo; 2) Identificar algumas relações entre os temas consumo e juventude; e 3) Compreender a percepção dos alunos da EPSJV sobre os sentidos aferidos a associação dos temas consumo e juventude.

Tratou-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa utilizando como método a entrevista aberta. Para a realização deste estudo utilizamos como categorias de análise “neoliberalismo e consumo” e “juventude e consumo”.

O ato de consumir para satisfazer necessidades básicas¹ e/ou supérfluas é uma atividade presente em toda sociedade humana, pois visa sua reprodução física e social. Contudo, em nossa percepção, a juventude, muitas vezes, é tratada como uma massa de consumidores que são facilmente influenciados pelos meios de comunicação que lançam mão de estratégias de manipulação e convencimento para a criação de falsas necessidades que, dentre outras questões, fortalecem o modo de produção capitalista. Para dizer de outra forma recorreremos à canção “Televisão” dos Titãs, diz assim: “A televisão me deixou burro, muito burro demais Agora todas coisas que eu penso me parecem iguais [...]”. Nesse sentido, entendemos que pensar criticamente sobre os temas “consumo e juventude” é uma forma de nos interpormos à égide do capital.

Em uma perspectiva geral, nos sensibiliza o crescente índice de extração de recursos naturais, seguido por um, também crescente, índice de despejo de resíduos, o que, em nossa

¹ Por necessidades básicas queremos nos referir a condições dignas de moradia, alimentação, transporte, educação, saúde, cultura, lazer, dentre outras.

compreensão, pode ser considerado uma ameaça à humanidade, pois diminui a capacidade de regeneração desses mesmos recursos que são imprescindíveis para a sobrevivência humana.

Partimos do pressuposto que esse modelo de sociedade beneficia pequenos grupos em detrimento do coletivo, contribuindo para a inviabilidade da construção de uma sociedade efetivamente justa. Muitas vezes pagamos caro para consumir o que não precisamos. A quem esse ciclo de consumo atende? Com certeza não aos interesses coletivos. Somos o tempo todo afogados em um mar de produtos, tecnologias e serviços que são rapidamente substituídos por outros dos quais também não precisamos. E nesse processo contínuo contribuimos com a degradação do planeta e fortalecemos o modo de produção capitalista onde as relações sociais, as pessoas, a tecnologia e os produtos são mercadorias substituíveis por outras mercadorias.

Nessa sociedade onde o consumo promove um pseudo-pertencimento tudo acontece rápido demais, parece que estamos o tempo todo atrasados para “ter” ou “consumir” algo. Como diz a canção “A melhor banda de todos os tempos da última semana”, outra dos Titãs:

Quinze minutos de fama
 Mais um pros comerciais
 Quinze minutos de fama
 Depois descansa em paz
 O gênio da última hora
 É o idiota do ano seguinte
 O último novo-rico
 É o mais novo pedinte
 A melhor banda de todos os tempos da última semana
 O melhor disco brasileiro de música americana [...]

Em nossa compreensão, nessa sociedade que preza o consumo a ordem do dia é o efêmero, é como se a vida fosse para o capital uma espécie de “*fast food*”. Partindo dessa compreensão que optamos por discutir o tema “juventude e consumo” através do neoliberalismo, entendendo que este potencializa essa lógica de consumo.

Soares (2002) localiza o início do neoliberalismo nos anos 1970 como resultado das crises do capital. Como apontou a autora, trata-se:

[...] de uma crise global de um modelo social de acumulação, cujas tentativas de resolução têm produzido transformações estruturais que dão lugar a um modelo diferente – denominado neoliberalismo – que inclui (por definição) a informalidade no trabalho, o desemprego, o subemprego, a desproteção trabalhista e, conseqüentemente, uma ‘nova’ pobreza. [...] O ajuste neoliberal

não é apenas de natureza econômica: faz parte de uma redefinição global do campo político-institucional e das relações sociais (SOARES, 2002, p. 12).

Nesse sentido, o que queremos apontar é que entendemos o neoliberalismo como um estimulador da cultura do consumo na medida em que ele é uma forma de reorganização do capitalismo que, de um lado, diminui as funções sociais do Estado e, de outro, dá maior liberdade ao mercado. Entendemos ainda que as ações neoliberais no Brasil tiveram (e têm) uma repercussão particular sobre a juventude e sua relação com o consumo.

Desse modo, no primeiro capítulo apresentaremos a problematização do nosso objeto de estudo através da matriz teórica iluminadora de nossas análises, contextualizaremos o neoliberalismo como um estimulador da cultura do consumo e na sequência discutiremos a juventude e o consumo.

No segundo capítulo apresentaremos a metodologia e os resultados de nossa pesquisa de campo acerca das percepções dos alunos dos cursos de Gerência em Saúde e Análises Clínicas da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio sobre o tema “juventude e consumo”.

2. PROBLEMATIZAÇÃO DO OBJETO

2.1 Neoliberalismo: um estimulador da cultura do consumo

Como já apontado por nós, o ato de consumir é uma atividade presente em toda sociedade humana, visa reprodução física e social e refere-se a satisfazer às necessidades básicas e/ou supérfluas.

Autores como Baudrillard² (2011) e Bauman³ (2008) têm como objeto de estudo a da questão do consumo no ocidente, em linhas gerais estes autores entender ser essa a sociedade atual ou contemporânea é uma “sociedade de consumo”. Na fala de Baudrillard,

À nossa volta, existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objectos, dos serviços, dos bens materiais, originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia da espécie humana (BAUDRILLARD, 2011, p. 13).

Segundo Baudrillard a sociedade de consumo precisa de “objectos” para existir e, por sua vez, provoca destruição na medida em que precisa cada vez mais produz objectos.

Na análise de Bauman (2008), a sociedade de produtores, entendida por alguns como modernidade, dá lugar para uma sociedade onde o consumo impera sobre a produção e as relações sociais, que antes eram sólidas, passam a ser efêmeras. Para este autor, na sociedade de consumidores há uma desvalorização do que é durável, igualando o “velho” ao “defasado”.

Ainda que Baudrillard e Bauman sejam referências teóricas para a discussão sobre o consumo, a partir de nossa leitura de seus livros citados, em nossa compreensão, esses autores descrevem a “sociedade de consumo”, falam do consumo de “objectos”, da cultura do consumo, do consumismo etc., contudo, não o fazem discutindo criticamente o modelo de sociedade capitalista, ou seja, descrevem os “problemas” relacionados ao consumo exacerbado, mas não apontam uma crítica ao modo de produção que gerou essa “cultura de consumo”. Pareceu-nos, em alguns momentos, uma discussão abstrata, sem a identificação dos responsáveis pela produção desta proposta de consumo, em nossa compreensão os responsáveis são os dirigentes capitalistas e a população alienada é duplamente consumidora: consumidora da proposta e consumidora dos produtos, dos “objectos” etc.

² Referimo-nos ao livro “A sociedade de consumo”.

³ Referimo-nos ao livro “Vida para consumo”.

Barbosa (2004) destaca que o reconhecimento do consumo como central pra reprodução social de qualquer sociedade. Atividades indispensáveis como comer, beber, vestir, entre outras coisas, reproduzem e estabelecem mediações sociais e culturais. É, também, através do consumo que determinados atos são relacionados a forças globais de produção, inovação tecnológica, circulação e questões políticas o que nos permite sentir na vida cotidiana.

Contudo, em nossa compreensão, esse olhar para o consumo somente como uma questão do cotidiano ou do âmbito da responsabilidade individual das pessoas, obscurece que essa sociedade de consumo ou de consumidores atende, em última instância, ao desenvolvimento e reprodução do modo de produção capitalista.

Na esteira do pensamento de Karl Marx o consumo não é algo a ser analisado de forma independente, mas sim em um esquema econômico que vincula *produção-distribuição-consumo* (MARX, 1985). Encontramos na introdução da obra *Grundrisse* (2011) as seguintes observações sobre o consumo conforme o pensamento marxiano:

Somente no consumo o produto recebe seu último acabamento. Uma estrada de ferro não trafegada, que, portanto, não é usada, consumida, é uma estrada de ferro apenas, não efetivamente. Sem produção, nenhum consumo; mas também sem consumo, nenhuma produção, pois nesse caso a produção seria inútil. O consumo produz a produção duplamente: 1) na medida em que apenas no consumo o produto devém efetivamente produto. Uma roupa, por exemplo, somente devém roupa efetiva no ato de trajada; uma casa que não é habitada não é de fato uma casa efetiva; logo, o produto à diferença do simples objeto natural, afirma-se como produto, devém produto somente no consumo. [...] 2) na medida em que o consumo cria a necessidade de nova produção, é assim o fundamento ideal internamente impulsionador da produção, que é o seu pressuposto. [...] Se é claro que a produção oferece exteriormente o objeto do consumo, é igualmente claro que o consumo põe idealmente o objeto da produção como imagem interior, como necessidade, como impulso e como finalidade. Cria os objetos da produção em uma forma ainda subjetiva. Sem necessidade, nenhuma produção. Mas o consumo reproduz a necessidade (MARX, 2011, p. 46-47).

Esses escritos de Marx, século XIX, permanecem atuais na medida em que nos possibilitam entender o consumo no modo de produção capitalista não como resultado do “desejo” dos indivíduos, mas como parte de um ciclo econômico onde a produção, distribuição e consumo se implicam mutuamente. Conforme apontado por Marx, o consumo reproduz uma necessidade, nos cabe pensar que necessidades de consumo são essas.

Para tratarmos a questão do modo de produção capitalista faremos um recorte temporal em sua manifestação neoliberal. Essa opção de deus por entendermos que os tempos neoliberais

ênfatizam ainda mais o consumo e, na mesma medida, diminuem os direitos sociais dos trabalhadores, a “massa de consumidores” do capitalismo.

Sendo assim, para um entendimento mais denso, pretendemos realizar uma contextualização a partir de alguns processos históricos que, no nosso entendimento, são primordiais para entender a temática, como a implementação do neoliberalismo no Brasil e o que isso significou e significa até hoje.

Conforme Rizzoto (2008, p. 275), o modelo societário denominado neoliberalismo surge no século XX em contraponto às políticas sociais que promoveram o chamado Estado de Bem Estar Social. Estas políticas foram implementadas pelo Estado nos países centrais, ou seja, de capitalismo avançado, também conhecidas como “políticas keynesianas”.

Este modelo societário tem como um dos principais pilares (se não o principal) a não intervenção do Estado na economia, também conhecido como “livre mercado”, pois entendem o contrário como uma violação à liberdade, tanto econômica quanto política e, com isso, que qualquer planejamento prévio da economia seria um equívoco, pois entendem o mercado deve se dar de forma autônoma e espontânea, a ser orientado pelo pensamento individual oriundo de costumes, crenças e dos meios de comunicação.

Segundo a Rizzoto (2008), a existência de normas seria relacionada, unicamente, à segurança e à manutenção da propriedade privada. Entretanto, este pensamento foi, como diz a autora, singularizado a partir do Consenso de Washington, realizado em novembro de 1989. Este foi um encontro realizado na cidade de Washington por economistas liberais e diversos órgãos econômicos de caráter internacional, dentre eles o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD), com o objetivo de avaliar as medidas que haviam sido implementadas na América Latina. A partir do Consenso de Washington foram definidas linhas políticas a serem implementadas através de “reformas” nos países periféricos, como o Brasil. Este período situa-se entre as décadas de 1980 e 1990. Linhas políticas estas que tinham como medidas principais a desregulamentação dos mercados, a abertura comercial e financeira, o “equilíbrio” das contas públicas, a privatização de empresas estatais e flexibilização dos vínculos de trabalho, entre outros (CARINHATO, 2008).

Como aponta Rizzotto (2008), no caso do Brasil, a implementação do neoliberalismo se dá a partir do ano de 1989. Entretanto, segundo a autora, nos anos entre 1990 e 2000, a partir do

início do mandato de Fernando Collor (1990-1992), houve um aprofundamento deste ideário, com o argumento principal de que o Brasil necessitava passar por um processo de modernização.

Na análise de Carinhato (2008), “*a ideologia neoliberal contemporânea é, fundamentalmente, um liberalismo econômico, que exalta o mercado, a concorrência e a liberdade de iniciativa privada, rejeitando veemente a intervenção estatal na economia*” (CARINHATO, 2008, p. 38). Partindo do apontamento do autor, queremos argumentar que em nossa compreensão o Estado é sim fundamental para este desenho econômico, mas no sentido da liberalização dos mercados.

No primeiro momento do neoliberalismo no Brasil os focos eram: a reforma econômica, privatização das estatais e políticas sociais focalizadas. E, no segundo, um aprofundamento destes aspectos para a mudança na estrutura social, mais especificamente para a mudança da estrutura do Estado. E esta mudança foi possível graças à produção de um Plano Diretor de Reforma do Aparelho do Estado (PDRAE), no ano de 1995, que definia a nova configuração a ser assumida pelo Estado brasileiro (BRASIL, 1995; RIZZOTTO, 2008).

O PDRAE (BRASIL, 1995), foi elaborado por Bresser Pereira, então Ministro da Administração e Reforma de Estado, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998). Este Plano cumpria a função de atender às expectativas de liberalização do mercado iniciadas do governo de Fernando Collor de Mello, nesse sentido, produziu as bases jurídicas para o neoliberalismo.

Com uma justificativa de “*mudança organizacional e cultural da administração pública no sentido de uma administração gerencial*” (BRASIL, 1995, p. 22) o PDRAE promoveu, principalmente, a disciplina fiscal, as privatizações de serviços e instituições, assim como a abertura do mercado.

Como aponta Rizzotto (2008), o pensamento neoliberal não entende as políticas sociais como direitos, e sim como atos de filantropia, que devem ser atendidos pelo Estado na figura de ONGs, voluntariado etc., com o objetivo de estimular a sociedade a resolver seus próprios impasses, e, em contrapartida, reduzir a responsabilidade do Estado para com os mais necessitados. Ou seja, na proposta neoliberal o Estado é forte na desregulamentação dos direitos sociais que haviam sido conquistados na Constituição de 1988, e, é mínimo para os trabalhadores.

Segundo Silva (2010), do ponto de vista do desenvolvimento histórico do neoliberalismo na particularidade brasileira, os governos do PT. Conforme a autora,

No Brasil, como resultado desse processo iniciado na década de 1990, sobretudo nos governos de Fernando Henrique Cardoso (anos de 1995-1998 e 1999-2002, fase de ampliação e consolidação da ordem neoliberal) e em voga na atualidade com o governo do Partido dos Trabalhadores (fase de aperfeiçoamento e consolidação da proposta neoliberal), evidencia-se a subordinação dos direitos sociais (das políticas sociais) aos interesses econômicos do grande capital [...] Tal resultado tem se traduzido em políticas sociais públicas de caráter focalizado, seletivo e residual (SILVA, 2010, p. 175).

Entendemos, com isso, que as diferentes medidas adotadas, para dar conta da realização das propostas do neoliberalismo, ou seja, do privilégio de poucos, tiveram impacto em diferentes segmentos sociais, dentre eles a juventude.

Em consequência da redução dos investimentos em áreas sociais e, em contrapartida, um crescente índice de privatizações ao longo do tempo, houve uma significativa redução ou restrição do acesso aos direitos sociais. Entendemos que esse processo histórico – o neoliberalismo – impactou negativamente a juventude, a nosso ver, principalmente no que diz respeito à formação, pois acreditamos que as instituições educacionais, sobretudo escolas, sofreram mudanças para fazer frente a esse cenário de disputa proveniente da implementação do neoliberalismo no Brasil.

A partir dessa contextualização a partir de alguns elementos que, para nós são essenciais, nossa proposta na próxima seção é relacionar as medidas adotadas a fim de dar conta dos interesses neoliberais com a questão da juventude.

2.2 JUVENTUDE E CONSUMO: algumas observações

Ao refletirmos sobre juventude e o consumo, entendemos que a implementação do neoliberalismo produziu a retirada/restricção de direitos sociais e, ao mesmo tempo, produziu novas necessidades de consumo. Como já dito, partimos do pressuposto que esse modelo de sociedade beneficia pequenos grupos em detrimento do coletivo, contribuindo para a mercantilização das relações sociais, ou seja, para a inviabilidade da construção de uma sociedade efetivamente justa.

Szapiro e Resende (2010) ao abordarem a temática “juventude”, consideram que o principal valor para este segmento social atualmente é o de liberdade. Valor este que, segundo as

autoras, foi construído em conformidade ao pensamento liberal e a lógica de mercado que possibilitaram a consolidação da cultura do efêmero, do individualismo etc. Segundo elas, isso condicionou o surgimento de um novo sujeito, o “pós-moderno” que, tendo como referência o princípio liberal de autorregulação dos mercados, que significa que as relações econômicas devem acontecer naturalmente respeitando a liberdade de cada um, produziu crença semelhante no que diz respeito à subjetividade, ou seja, identidade, abrindo mão de um pensamento de regulação ligado ao coletivo.

Segundo Szapiro e Resende, os jovens influenciados pelo pensamento liberal acreditam que o mais importante é o presente e, em contrapartida, acreditam que o futuro se dará sem muito planejamento prévio, sendo construído a partir do valor de liberdade posto em prática no “agora”. Elas também consideram que uma possível transformação das figuras parentais (também moldadas por princípios liberais) fez com que esses deixassem de exercer sua função de “autoridade” com base na discrepância geracional, possibilitando o surgimento de um sentimento de autonomia e liberdade por parte dos jovens para decidirem sobre suas vidas.

Com base no que já foi exposto, entendemos que um caminho analítico para a questão da juventude, do consumo e do neoliberalismo é justamente a reflexão de alguns aspectos do sistema educacional estamos inseridos/submetidos.

Para isso teremos como referência o pensamento de Campello (2008) esta autora analisa o sistema educacional a partir da premissa de que no modo de produção capitalista o sistema educacional é dual, ou seja, não existe um tipo único de escolaridade, e que isso é um fator que auxilia na reprodução das classes sociais no capitalismo. Segundo Campello (2008, p. 136),

A dualidade estrutural expressa uma fragmentação da escola a partir da qual se delineiam caminhos diferenciados segundo a classe social, repartindo-se os indivíduos por postos antagonistas na divisão social do trabalho, quer do lado dos explorados, quer do lado da exploração, Baudelot e Establet (1971), entre outros teóricos do crítico-reprodutivismo, desvendam a ilusão ideológica da unidade da escola e da existência de um tipo único de escolaridade. Para essa teoria, a escola não é única nem unificadora, mas constituída pela unidade contraditória de duas redes de escolarização, a rede de formação dos trabalhadores manuais (rede primário-profissional ou PP) e a rede de formação dos trabalhadores intelectuais (rede secundário-superior ou SS) (CAMPELLO, 2008, p. 136).

De acordo com a autora, no modo de produção capitalista, esse sistema educacional e dual produz uma diferenciação interna na própria escola, onde o acesso ao ensino em geral é

diferenciado conforme a origem de classe, tendo em vista o *modus operandi* da reprodução das classes sociais. Ou seja, "filho de trabalhador sendo trabalhador e filho de patrão sendo patrão". Nesse sentido, para entender essa estrutura educacional dual da sociedade capitalista é fundamental a compreensão de:

A repetência, o abandono, a produção do retardo escolar são mecanismos de funcionamento da escola e que fazem parte de suas características. É sua função discriminar, e isto desde o início da escolarização, na própria escola primária, que também não é única e que também divide. Seus 'defeitos' ou 'fracassos' são, em verdade, a realidade necessária de seu funcionamento (CAMPELLO, 2008, p. 136).

No Brasil, segundo Campello (2008), este modelo educacional se concretiza a partir da criação de “escolas de formação profissional” e “escolas de formação acadêmica”, que atenderiam a diferentes pessoas de diferentes origens sociais. É como jovens de baixa renda não tivessem interesse em uma formação acadêmica, ou ainda que a formação acadêmica fosse uma oposição à formação profissional.

Em nossa interpretação, na lógica da dualidade educacional existe uma oposição entre o ensino médio e a educação profissional, o primeiro como atividade estritamente intelectual que leva a patamares elevados de ensino e o último como uma formação para a “execução” do trabalho. Do ponto de vista histórico, como aponta Campello (2008), o que conhecemos hoje como ensino médio era restrito ao acesso de poucos, e só poderiam cursá-lo aqueles que dariam continuidade aos estudos no nível superior, em contrapartida, a educação profissional, o que entendemos como o atual ensino fundamental, era destinada aos "órfãos e desvalidos", aos que não possuíam dinheiro.

Para a autora, isso influenciou (e influencia) o crescente número de evasão das escolas. Nossa experiência pessoal como aluno da EPSJV corrobora com essa afirmação.

O que confirma isso é o fluxo escolar a partir dos anos 2000 (CAMPELLO, 2008), pois mesmo com um grande quantitativo da juventude brasileira ingressando no ensino fundamental, menos da metade chegaria ao fim do ensino médio, condicionando o surgimento de dois grupos, os que dão continuidade aos estudos, e os que não dão, ou seja, os que são excluídos. E dentre os que seguem estudando há também uma divisão, condicionada pela desigualdade nas condições de escolarização e do sistema pedagógico que, segundo Campello, conduzem a uma certificação

desqualificada para grande parte desses estudantes. Como aponta a autora, a dualidade educacional confirma-se a partir dos:

[...] limites das classes sociais e da dicotomia histórica entre os estudos de natureza teórica e os estudos de natureza prática. A ‘escola do dizer’ e a ‘escola do fazer’ são [...] as divisões estruturais do sistema educativo no modo capitalista de produção. A escola de formação das elites e a escola de formação do proletariado. (CAMPELLO, 2008, p.137)

Entendemos que nesta concepção se faz evidente a divisão entre os que conceberão o trabalho no futuro e os que o executarão. Para os que irão conceber e controlar o trabalho é destinado um tipo de educação – a chamada “educação científica acadêmica” – e para os filhos dos trabalhadores é destinada outra – a “educação para o trabalho”. Desse modo, entendemos que esta divisão/dicotomia histórica faz com que o processo de educação profissional, pela ausência de uma reflexão crítica acerca dos processos de trabalho, tenha como função única o preenchimento dos postos de trabalhos manuais, contribuindo, a nosso ver, para a alienação do trabalhador e, conseqüentemente, o aumento das desigualdades sociais inerentes ao modo de produção capitalista.

Na nossa experiência como aluno da EPSJV, estamos em um espaço de ensino onde há outra proposta para a educação profissional – a educação politécnica. Conforme aponta Saviani (2003)

A noção de Politecnia deriva, basicamente, da problemática do trabalho. Nosso ponto de referência é a noção de trabalho, o conceito e o fato do trabalho como princípio educativo geral. Toda a educação organizada se dá a partir do conceito e do fato do trabalho, portanto, do entendimento e da realidade do trabalho. [...] Ora, o que define a existência humana, o que caracteriza a realidade humana é exatamente o trabalho. O homem se constitui como tal à medida que necessita produzir continuamente sua própria existência. É o que diferencia o homem dos animais: os animais têm sua existência garantida pela natureza e, por consequência, eles se adaptam à natureza. O homem tem de fazer o contrário: ele se constitui no momento em que necessita adaptar a natureza a si, não sendo mais suficiente adaptar-se à natureza. Ajustar a natureza às necessidades, às finalidades humanas, é o que se faz pelo trabalho. Trabalhar não é outra coisa senão agir sobre a natureza e transformá-la (SAVIANI, 2003, p 132-133).

A partir do exposto por Saviani concluímos que a Politecnia é uma forma de educação contra hegemônica capaz de tratar essa histórica dualidade educacional. Segundo Campello (2008), a Politecnia carrega consigo a possibilidade de enfrentamento desta concepção de educação engendrada no sistema educacional brasileiro o que permitiria uma aproximação de

uma forma única de escolaridade, ou seja, a unidade da escola. Acreditamos que essa perspectiva de escola e de educação contribui para a reflexão crítica das desigualdades na educação e no âmbito da própria sociedade em geral. Partindo dessa ideia, com nossa pesquisa queremos justamente observar como a questão do “consumo e juventude” é percebida por alunos que têm acesso a uma formação/educação politécnica.

Segundo Rodrigues (2008), é consenso entre pesquisadores das áreas de trabalho e educação que a concepção politécnica de educação surge inicialmente a partir do pensamento de Karl Marx durante o século XIX. Sendo, com isso, considerada como sinônimo de uma concepção marxista de educação, sendo acompanhada necessariamente por questões pedagógicas indissociáveis de críticas às relações sociais.

Conforme o autor, esta concepção pedagógica tem como aspecto central a relação entre educação e trabalho produtivo e, nesse sentido, haveria o desenvolvimento da capacidade cognitiva, do senso crítico dos estudantes que não estariam sendo preparados somente para execução de trabalho manual, mas para a vida no seu sentido mais amplo e pleno de possibilidades. Rodrigues aponta os principais vetores da concepção marxista de educação, conforme o autor, esses vetores são a:

- 1) Educação pública, gratuita, obrigatória e única para todas as crianças e jovens, de forma a romper com o monopólio por parte da burguesia da cultura, do conhecimento.
- 2) A combinação da educação (incluindo-se aí a educação intelectual, corporal e tecnológica) com a produção material com o propósito de superar o hiato historicamente produzido entre trabalho manual (execução, técnica) e trabalho intelectual (concepção, ciência) e com isso proporcionar a todos uma compreensão integral do processo produtivo.
- 3) A formação omnilateral (isto é, multilateral, integral) da personalidade de forma a tornar o ser humano capaz de produzir e fruir ciência, arte, técnica.
- 4) A integração recíproca da escola à sociedade com o propósito de superar o estranhamento entre as práticas educativas e as demais práticas sociais. (RODRIGUES, 2008, p.169).

Temos convicção de que este modelo educacional – a educação politécnica –, dado o cenário educacional atual, atende aos interesses dos estudantes mais pobres e explorados, os estudantes oriundos da classe trabalhadora. Na nossa interpretação, isto possibilita uma análise crítica da realidade em que estamos inseridos, uma certa elevação do estado de consciência dos mais pobres e, conseqüentemente, contribui para a construção de um caminho de superação do

modelo de produção vigente que, para nós, é o grande responsável pelas mazelas sociais que vemos no cotidiano.

No Brasil, já houve tentativas de implementação de uma educação nacional com base no conceito de Politécnica. Campello (2008), ao analisar umas das tentativas, ocorrida a partir da década de 1980, diz que, pensava-se uma possível reformulação do campo educacional brasileiro, pois este vinha durante mais de vinte anos sofrendo mudanças para seguir os padrões impostos pela ditadura empresarial-militar instituída a partir do golpe de 1964. Segundo ela, isso foi possível, pois havia se difundido um clima de democratização e participação social, o que motivou profissionais da educação, entre outros, a pensarem sobre uma possível reformulação desse sistema educacional que vinha com grande bagagem, a nosso ver negativa, da ditadura militar, a partir de uma nova Lei de Diretrizes e Bases para educação nacional.

Contudo, a implementação de uma lei educacional nacional baseada na Politécnica não foi possível, e no fim da década de 1990, Fernando Henrique Cardoso promulgou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), Lei número 9.394/1996. LDB esta que, além de proibir a concomitância entre o ensino médio e técnico, obrigando a constituição de dois sistemas: um para educação básica e outro para a profissional, possibilitou um grande retrocesso que fez retornar a dualidade educacional estabelecida em 1942 pela “Reforma Capanema” que, da mesma forma (através das leis orgânicas para educação brasileira) estabeleceu dois ramos educacionais: o de ensino para formação de trabalhadores intelectuais e o de trabalhadores instrumentais, o que conhecemos como ensino técnico.

Entendemos que esse modelo educacional impacta negativamente a juventude como um todo e, sobretudo, os jovens da classe trabalhadora, especialmente os mais pobres. Com isso, colocamos mais uma vez a seguinte questão: a quem isso interessa? Ou melhor, quem foi beneficiado com esta concepção de educação que, ao nossa ver, faz com que as instituições educacionais se debruçam unicamente para formar mão de obra, deixando de lado a formação de cidadãos críticos que entendam e problematizem as relações sociais as quais se encontram inseridos e submetidos?

Assim, entendemos que o sistema educacional ao qual estamos submetidos, que foi (e ainda é), a nosso ver, estimulado a partir de políticas neoliberais, possibilitou a fragmentação não só da “escolaridade”, a partir do estabelecimento de diferentes caminhos a serem seguidos pelos

jovens de acordo com a classe social, mas, também, fragmenta a juventude em si ao estimular, dentro das próprias instituições educativas, alguns valores a serem seguidos para dar conta da lógica de mercado como competitividade, individualismo etc.

Retomando a questão da juventude e do consumo, Oliveira (2007) analisa os impactos da cultura de consumo sobre a juventude que cursa principalmente o ensino médio. E que, mesmo perante vários paradoxos existentes durante esta fase de formação, os jovens são constantemente incentivados pelos meios de comunicação de massa a estabelecerem uma identidade, entretanto esse não é o problema em si, e sim o fato desses jovens majoritariamente serem convencidos que é através do consumo seria a melhor forma de fazer isso. Nessa perspectiva, Oliveira diz que:

Os jovens de ensino médio encontram-se perante vários paradoxos. Por um lado, são incentivados a assumirem os valores do mercado de trabalho, ou seja, a competitividade, a criatividade, a flexibilidade, necessárias para lidar com as adversidades em um mundo onde todos disputam um lugar, mesmo que seja temporário, ante o desaparecimento progressivo dos empregos. De outro lado, são bombardeados com as retóricas publicitárias, a incentivá-los na busca de cada vez mais novas quinquilharias, as quais os auxiliarão no precário estabelecimento de uma identidade (OLIVEIRA apud FREIRE COSTA, 2004, p.1).

Na mesma perspectiva, Spaziari e Resende (2010) apontam a questão da juventude. Dizem às autoras que,

[...] eles [os jovens] se encontram, paradoxalmente numa situação simbólica de abandono e se tornam, assim, presas fáceis de um aparelho poderoso regido pela lógica da sociedade de mercado, que não cessa de lhes oferecer “mais prazer” através de mais objetos a consumir, sugerindo-lhes que consumir é exercer o direito de escolher (SPAZIARI; RESENDE, ano 2010, p.45).

Isso nos permite afirmar, de acordo com o pensamento de Oliveira (2007), que a “cultura de consumo” estimulada, sobretudo, pelos agentes neoliberais, influencia diretamente a juventude dentro da própria escola que, a nosso ver, deveria ser para formar um cidadão que possa questionar a realidade a qual está inserido e, principalmente, intervir para que haja mudança. Entretanto, o que vemos, no nosso entendimento, é o oposto. Vemos, de modo geral e historicamente no Brasil, uma escola engendrada pelos princípios liberais que atendem, unicamente, aos interesses capitalistas moldando, através de “mecanismos pedagógicos”, como diz Campello (2008), o pensamento da juventude. A nosso ver trata-se de uma verdadeira doutrinação capitalista. Doutrinação esta que influencia a juventude a seguir a lógica de mercado. Acreditamos que os jovens são intencionalmente estimulados a não questionarem, a serem

passivos etc. E no que se refere ao consumo, entendemos que aos poucos são “convencidos”, principalmente pelos meios de comunicação, de que o consumo é tudo que a vida tem a oferecer. De que é através do consumo que nos tornamos “alguém”.

De acordo com o pensamento de Oliveira (2007), a cultura de consumo ao incidir sobre a juventude gera inquietações, não são todos que podem consumir tudo que é exigido por esta lógica que incentiva, sobretudo, os jovens a consumirem acreditando que é através desta atividade que se estabelece uma identidade. É o famoso “ser alguém da vida”. As principais inquietações são por parte dos que simplesmente não tem dinheiro para realizar a atividade de consumir, o que, de acordo com o autor, foi um dos fatores, se não o principal, que influenciou no surgimento da “delinquência” no cenário escolar, pois esta atividade é entendida por maior parte dos jovens como indispensável.

Entendemos que a educação tal como se encontra atualmente serve como mais um instrumento para a ofensiva dos grandes capitalistas, que visam unicamente lucro.

A nosso ver isso, todos estes estímulos, que entendemos como negativos, fazem com que a juventude assuma novas características. Características estas, que entendemos como negativas, pois, por um lado, é estimulada nos jovens a ausência de um pensamento crítico sobre a realidade e, por outro, a assumirem os valores exigidos pelo mercado de trabalho que é altamente restrito.

Podemos afirmar que os mais prejudicados por este conjunto de políticas educacionais é a classe trabalhadora. Essas políticas foram implementadas para fazer jus ao projeto neoliberal para o Brasil, trazendo grandes consequências para a juventude, sobretudo para os mais pobres. Em nossa opinião, a situação que vivemos atualmente é difícil de mudar mesmo com um grande nível de consciência coletiva, sem este então a tarefa torna-se ainda mais árdua. A partir de nossa leitura, entendemos que estas medidas foram adotadas no Brasil para que não houvesse tentativas de mudança desse arranjo social que privilegia alguns poucos e prejudica a maioria da população – os trabalhadores.

Na nossa análise fica claro que há interesse de que os jovens, principalmente os mais pobres, marginalizados, não tenham pensamento crítico. Pois, caso contrário, os jovens, principalmente os mais pobres, lutariam para acabar com essa realidade que há muito tempo sacrifica a vida da maioria das pessoas, explorando-as para benefício das grandes corporações/grandes capitalistas. Para nós, não havendo pensamento crítico, é certo de que este arranjo societário fará com que a maior parte desses jovens estudantes filhos de trabalhadores,

assuma precários vínculos de trabalho. Há interesses dos dominantes em continuarem a explorar e isto implica em que haja, necessariamente, dominados. Dominados em vários sentidos, por vários mecanismos desta máquina, que não dá, dentre tantas outras questões, o direito a escola em uma perspectiva crítica e emancipatória.

A educação politécnica é contra hegemônica, pois leva, dentre outras coisas, ao pensamento crítico que se contrapõe ao individualismo, ao consumismo, a pseudoliberalidade oferecida pelo capital.

A nosso ver, os jovens são constantemente golpeados, são convencidos (por não pensarem de forma crítica) que obter êxito na vida é obter êxito financeiro. Mesmo antes de se constituírem adultos, estes jovens quando podem consomem “as coisas do momento” como celulares caros, roupas de marca etc., e quando não podem, como já dito, “surgem inquietações”. Pois há a atribuição de algo além da finalidade do objeto. É atribuído um status as coisas em detrimento as pessoas. O que se quer é o carro caro, a roupa de marca, o celular da moda. Mas de fato precisamos disso? A quem esse consumo capitalista atende? Quais os interesses em jogo? Entendemos que essas perguntas precisam ser feitas a nós mesmo cotidianamente para que não sejamos muda, surda e caladamente engolidos pelo capitalismo.

3. ACHADOS DA PESQUISA

O objetivo desta pesquisa foi compreender algumas percepções de estudantes da EPSJV sobre os temas “consumo e juventude”. Realizamos pesquisa de cunho exploratório com abordagem qualitativa, de participação voluntária, utilizando como instrumento a entrevista com questões abertas. Os sujeitos da pesquisa foram dois alunos de cada série dos quatro anos dos Cursos de Técnico em Gerência em Saúde e Técnico em Análises Clínicas, dessa forma, nossa pesquisa contou com 16 sujeitos. Em função do nosso objeto de pesquisa, da abordagem qualitativa e das condições objetivas para a realização da pesquisa, optamos por trabalhar com uma amostragem não-probabilística e de conveniência. Como aponta Moresi (2003, p. 68), a amostragem por conveniência é *“destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam representar um universo”*.

Utilizamos como instrumento na realização da pesquisa a entrevista individual a partir de um roteiro (Apêndice I) com questões abertas. Como aponta Netto (1994),

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (NETTO, 1994, p. 51).

Informamos, ainda, que foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice II), no qual foram discriminados os objetivos, importância e demais características da pesquisa. Sua apresentação e a leitura junto aos sujeitos integrou o processo de convite para participarem da pesquisa. O não desejo de participação foi um critério de exclusão.

As informações obtidas nas entrevistas constituíram um conjunto de variáveis sobre o tema “juventude e consumo” que nos possibilitou traçar um panorama qualitativo da percepção dos alunos da EPSJV sobre essa temática. Os entrevistados foram identificados com a abreviatura E (entrevistado), seguida de numeração arábica correspondente ao ano do curso em andamento e a abreviatura “G” para os alunos do curso de Gerência em Saúde e a abreviatura “A” para os alunos do curso de Análises Clínicas seguido da letra “a” ou “b”, conforme a ordem da realização das entrevistas.

As questões tratadas no roteiro foram as seguintes: O que é consumo para você? Como você entende a relação entre juventude e consumo? Como você entende a questão do consumo na sociedade capitalista contemporânea? O que você consumiu nas duas últimas semanas? Dê exemplos. Qual o seu principal desejo de consumo? Na sua avaliação, a formação politécnica traz algum diferencial para pensar a questão do consumo? Você tem outras observações sobre o tema juventude e consumo que gostaria de compartilhar?

Para melhor visualização dos achados da pesquisa, os apresentaremos em forma de quadro. No quadro 1, abaixo, apresentamos a questão que refere o que é consumo para os entrevistados.

Questão 1 - O que é consumo para você?	
Alunos de Gerência em Saúde	<p>(E.1G.a): “Comprar coisas, necessitar de algo. Consumir coisas necessárias e desnecessárias.”</p> <p>(E.1G.b): “É ter coisas, comprar coisas. Me lembra consumismo.”</p> <p>(E.2G.a): “Consumo é tudo aquilo que a gente precisa pra sobreviver. É buscar satisfazer nossas necessidades de diferentes formas.”</p> <p>(E.2G.b): “É tudo aquilo que a gente compra e/ou utiliza.”</p> <p>(E.3G.a): “O que você utiliza. Na nossa sociedade isso se tornou uma forma de relação social.”</p> <p>(E.3G.b): “Fazer uso de algo com algum objetivo, seja por desejo ou ilusão. Chinelo, blusa, pasta de dente... Tudo é consumo.”</p> <p>(E.4G.a): “Tudo, do consumo das necessidades, do superfluo, à cultura, informação etc.”</p> <p>(E.4G.b): “Vai desde comer, beber... até comprar qualquer coisa.”</p>
Alunos de Análises Clínicas	<p>(E.1A.a): “O que você compra, o que você gasta, o que consome.”</p> <p>(E.1A.b): “Uma questão de sobrevivência. Conforto.”</p> <p>(E.2A.a): “Muito além do dinheiro. É algo inerte a sobrevivência humana. Podemos consumir ideias também, compartilhar conhecimento.”</p> <p>(E.2A.b): “Usufruir de algo, como bens materiais, utilizando dinheiro ou não.”</p> <p>(E.3A.a): “Consumir algo que se deseja.”</p> <p>(E.3A.b): “Necessidades de sobrevivência. Aquisição de coisas necessárias e/ou desnecessárias.”</p> <p>(E.4A.a): “Ato de utilizar algo. Coisas necessárias ou não que procuramos.”</p> <p>(E.4A.b): “Ato de comprar algo, de consumir algo, para satisfazer necessidades.”</p>

Observamos que na questão 1, que se refere ao que é consumo para os entrevistados, encontramos três formas de compreensão do que seja consumo. Os entrevistados, de forma geral, identificaram o consumo como um ato humano que tem como objetivo a satisfação de necessidades básica e/ou superfluas. Houve também a identificação do consumo referenciado ao consumo de ideias e o compartilhamento de conhecimentos.

Entendemos que não houve diferenças importantes entre a compreensão dos entrevistados alunos do curso de Gerência em Saúde e os alunos do curso de Análises Clínicas, com isso queremos dizer que há uma confluência de percepções dos entrevistados acerca dos sentidos que o consumo pode assumir em nossa sociedade.

Também nos chamou a atenção que as percepções dos entrevistados não corroboraram completamente com as análises de Bauman (2008) e Baudrillard (2011). Se por um lado os entrevistados identificam o consumo como consumo de “coisas”, “objetos” etc., por outro, também apontam uma dimensão de consumo no patamar das “ideias”, como algo que não é necessariamente ruim.

Segundo Bauman (2008), a sociedade que vivemos é uma sociedade onde o consumo impera sobre a produção e as relações sociais. Para Baudrillard (2011) a sociedade de consumo precisa de “objectos” para existir. A partir das entrevistas nos foi possível observar que a noção de consumo como algo efêmero está presente na fala dos entrevistados, mas também observamos que na percepção dos estudantes entrevistados há outro olhar que aponta para o mundo das ideias e conhecimentos.

No quadro 2, abaixo, apresentamos a questão referente a relação entre juventude e consumo, segundo os entrevistados.

Questão 2 - Como você entende a relação entre juventude e consumo?	
Alunos de Gerência em Saúde	<p>(E.1G.a): “Os jovens consomem demais hoje em dia, e são coisas desnecessárias. A juventude consome muitas coisas supérfluas, como por exemplo a necessidade de trocar sempre de celular.”</p> <p>(E.1G.b): “Consumo de bebida alcólica presente na juventude.”</p> <p>(E.2G.a): “A gente gosta bastante. Queremos sempre a melhor roupa, o melhor celular. Nossa geração se preocupa mais com a marca do que com a real finalidade das coisas. Para os jovens o significado dos objetos importa mais.”</p> <p>(E.2G.b): “Os jovens são o tempo todo influenciados a comprarem coisas que, muitas vezes, são desnecessárias.”</p> <p>(E.3G.a): “A juventude é fase de preparação, onde estamos suscetíveis ao modelo de educação regido pela ideologia da classe dominante. Isso faz com que sejamos preparados para ser mão de obra, para produzir e, assim, consumir mais. Eu tenho que estar na moda, ter o celular, etc.”</p> <p>(E.3G.b): “Fortemente ligados. Juventude é mudança, são coisas novas, uma série de descobertas e tudo isso deixa os jovens suscetíveis ao consumo. As propagandas se aproveitam dessa fase de descoberta para induzir os jovens ao consumo.”</p> <p>(E.4G.a): “Há uma relação direta entre juventude e consumo. É fase da vida onde somos mais suscetíveis às influências dos meios de comunicação”.</p> <p>(E.4G.b): “A juventude é a fase em que mais se consome tudo. É um alvo do consumo. Há também, entre esses, o consumo de informação. A juventude impulsiona o consumo superficial.”</p>
Alunos de Análises Clínicas	<p>(E.1^a.a): “A juventude é a fase que mais consome por ser facilmente influenciada. É como se existisse um padrão de consumo da juventude, como a forma de consumir celular.”</p> <p>(E.1^a.b): “A faixa etária que mais é influenciada, pela mídia e pelas redes sociais, a consumirem por status.”</p> <p>(E.2^a.a): “Os jovens são, com certa facilidade, influenciados por não terem maturidade para lidar com a questão do consumo. E também, por não serem independentes, consomem excessivamente sem perceber.”</p> <p>(E.2^a.b): “A juventude consome mais de forma supérflua. Os jovens consomem por status.”</p> <p>(E.3^a.a): “Os jovens consomem de forma diferente. Os pais pagam, isso faz com que muitos não tenham noção dos gastos.”</p> <p>(E.3^a.b): “A juventude é o grupo que mais preza o consumo supérfluo e,</p>

	<p>assim, naturalizam essa forma de consumir. Os jovens consomem mais por status, por inserção, do que por necessidade.”</p> <p>(E.4^a.a): “Grande parte do que é consumido pelos jovens é desnecessário, é um consumo supérfluo. Os jovens consomem constantemente e a maioria das vezes é por status.</p> <p>(E.4^a.b): “Uma relação desequilibrada. Os jovens atualmente são influenciados a consumirem desde a infância celulares caros, tecnologias, etc., um consumo supérfluo. Estes consomem também, para serem aceitos. Ademais, a gente consome além do necessário e as vezes não temos grana pra isso.”</p>
--	--

Observamos que na questão 2, que se refere a relação entre juventude e consumo, houve também uma confluência nas percepções dos grupos entrevistados. Tanto os alunos de Gerência, como os de Análises Clínicas, identificam a juventude como uma fase da vida onde os indivíduos são altamente suscetíveis a influência e aos estímulos, principalmente midiáticos, para o consumo desnecessário e/ou superfluo.

Podemos notar, também, que as impressões dos entrevistados, por um lado, corroboram com a análise de Oliveira (2007) e, por outro, não corroboram com a análise de Szapiro e Resende (2010).

De acordo com Oliveira (2007), os jovens são constantemente incentivados pelos meios de comunicação de massa a consumirem. Para ele, esses jovens consomem com o objetivo de estabelecerem uma identidade. Essa informação também corrobora com as impressões dos entrevistados pois, parte significativa desses, colocaram a questão do “consumo por status” como central, por acreditarem que os jovens consomem tendo em vista algo além da real finalidade do que é consumido, ou seja, o consumo como uma questão identitária.

Embora Szapiro e Resende (2010) considerem a influência e os estímulos dos grandes meios de comunicação, elas associam a suscetibilidade dos jovens a essas influências ao “valor de liberdade” cultivado por esse segmento social e à uma suposta ausência de figuras parentais na vida dos jovens. Acreditamos que isso de fato influencia, contudo, ao analisar as respostas referente a questão 2, entendemos que os jovens, independente da situação familiar, são a todo tempo instigados a consumir, tanto no âmbito familiar, como, principalmente em outros meios que estão inseridos como a escola. E sobre o “valor ou sentimento de liberdade”, acreditamos que esse é estimulado, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa.

No quadro 3, abaixo, apresentamos a questão referente ao consumo na sociedade capitalista contemporânea, segundo os entrevistados.

Questão 3 – Como você entende a questão do consumo na sociedade capitalista contemporânea?	
Alunos de Gerência em Saúde	<p>(E.1G.a): “Somos estimulados a todo tempo a consumir, a comprar. O consumo é a base.”</p> <p>(E.1G.b): “Exagerado. As pessoas consomem e as vezes não tem necessidade. Consomem para serem bem vistos.”</p> <p>(E.2G.a): “O consumo é a principal fonte do capital. Consumimos mais que /necessitamos e, muitas, vezes do que podemos. Há grande influência para se consumir cada vez mais.”</p> <p>(E.2G.b): “O consumo é essencial. É como se as pessoas só sobrevivessem se consumissem coisas necessárias ou não. Consumir é uma imposição do capitalismo.”</p> <p>(E.3G.a): “Como primordial. Consumir sustenta o capitalismo.”</p> <p>(E.3G.b): “A sociedade capitalista é o consumo/consumismo. Se esses acabarem, o capitalismo quebra. As empresas fortalecidas por este e apoiadoras do grande capital usam de meios de comunicação para manter o consumismo e fortalecer o capitalismo.”</p> <p>(E.4G.a): “O consumo é inerente ao modelo de desenvolvimento capitalista”.</p> <p>(E.4G.b): “O consumo estrutura a sociedade capitalista. Nessa sociedade tudo parte do consumo.”</p>
Alunos de Análises Clínicas	<p>(E.1A.a): “Um consumo mais exagerado. Maior produção, maior consumo, maior descarte. Há uma grande influência da mídia para consumir e isso gera uma dependência.”</p> <p>(E.1A.b): “O que prevalece é o lucro. Tudo é mercadoria.”</p> <p>(E.2A.a): “O consumo é essencial. O capitalismo é o consumo; ele vive disso.”</p> <p>(E.2A.b): “Nessa sociedade, o consumo é estimulado independente da real necessidade de ter algo.”</p> <p>(E.3A.a): “O consumo supérfluo é mais valorizado. Se você não consumir essa coisa, você não vai ter uma boa inserção nessa sociedade.”</p> <p>(E.3A.b): “O consumo se torna necessário em todas as instâncias, desde pra satisfazer necessidades básicas, até supérfluas.”</p> <p>(E.4A.a): “Um consumo exagerado que cresce cada vez mais e é</p>

	<p>influenciado pelos meios de comunicação. A maioria dos jovens funcionam como veículos para as empresas.”</p> <p>(E.4A.b): “É uma coisa imposta pelos meios de comunicação, pela família, pela escola, de forma mascarada, para nos convencer de que o consumo desnecessário ou supérfluo é indispensável para a vida. Trabalhamos para consumir. Todo fruto do nosso trabalho é para o consumo.”</p>
--	---

Podemos observar na questão 3 – referente a percepção dos entrevistados sobre a questão do consumo na sociedade capitalista contemporânea – que os estudantes, tanto do curso de Gerência em Saúde, quanto os alunos do curso de Análises Clínicas, entendem a questão do consumo como algo essencial para o contínuo desenvolvimento do capitalismo.

Desse modo, o consumo é como um dos principais pilares de sustentação para este modelo econômico, e, dessa forma, é algo constantemente estimulado nos indivíduos. As diferenças observadas na fala dos entrevistados são sutis. Dessa forma, entendemos que, de modo geral, há uma convergência nas respostas dos estudantes na percepção de que o consumo é um pilar do modo de produção do capitalismo, sendo expressivo e fundamental na contemporaneidade.

No quadro 4, abaixo, apresentamos o que os entrevistados consumiram nas duas últimas semanas que antecederam a pesquisa.

Questão 4 - O que é consumiu nas duas últimas semanas?	
Alunos de Gerência em Saúde	(E.1G.a): “Comida, produtos higiênicos, roupas, internet, celular...” (E.1G.b): “Comida, carregador, notebook, perfume, roupas...” (E.2G.a): “Roupa, comida, eletrônicos, material escolar, produto de beleza...” (E.2G.b): “Comida, fast-food, tênis, roupa, eletrônicos...” (E.3G.a): “Filmes, roupas, tecnologias em geral...” (E.3G.b): “Redes sociais, internet, meios de comunicação, roupas, alimentos...” (E.4G.a): “Comida, transporte e eletrônicos.” (E.4G.b): “Transporte, alimentação, meios de comunicação, lazer...”
Alunos de Análises Clínicas	(E.1A.a): “Comida, celular, televisão, energia, água, conhecimento, roupa, maquiagem, transporte...” (E.1A.b): “Água, roupa, produto de beleza, comida...” (E.2A.a): “Comida, ar, jogos, produtos de beleza e higiene, gasolina...” (E.2A.b): “Comida, roupa, produtos de beleza...” (E.3A.a): “Comida, roupa, bebida, saídas, consumo de cunho religioso, passagem...” (E.3A.b): “Comida, água, internet, luz, telefone, transporte...” (E.4A.a): “Comida, internet, luz, livros, transportes, saúde, roupas, produtos higiênicos...” (E.4A.b): “Biscoito, internet, guaravita, TV a cabo, celular, pizza, água, energia...”

Na questão 4, observamos que os estudantes consumiram com uma certa “padronização”. O consumo mais frequente dos entrevistados referiu-se a itens alimentícios, vestuário, eletrônicos e redes sociais. Contudo, também podemos observar nas respostas desses jovens algumas formas de consumo que, em nossa percepção, merecem destaque, tais como: consumo de cunho religioso, consumo de saúde e consumo de energia.

Em nosso ponto de vista, as diferenças presentes nas respostas dos entrevistados, tanto do curso de Gerência em Saúde, quanto do curso de Análises Clínicas, são sutis. Dessa forma, consideramos estas insignificantes e entendemos que, de modo geral, há uma confluência nas respostas dos entrevistados sobre o que esses consumiram nas duas últimas semanas.

No quadro 5, abaixo, apresentamos o principal desejo de consumo dos entrevistados.

Questão 5 - Qual o seu principal desejo de consumo?	
Alunos de Gerência em Saúde	(E.1G.a): “Uma moto.” (E.1G.b): “Celular novo.” (E.2G.a): “Um iphone.” (E.2G.b): “Viagens.” (E.3G.a): “Uma boa formação.” (E.3G.b): “Um carro.” (E.4G.a): “Viagens” (E.4G.b): “Viagens.”
Alunos de Análises Clínicas	(E.1A.a): “Uma casa.” (E.1A.b): “Uma casa.” (E.2A.a): “Um carro.” (E.2A.b): “Uma casa.” (E.3A.a): “Um carro.” (E.3A.b): “Viagens.” (E.4A.a): “Viagens.” (E.4A.b): “Uma casa legal.”

Na questão 5, referente ao principal desejo de consumo dos estudantes entrevistados, podemos observar nas respostas que, de forma geral, existem diferentes desejos de consumo. Dessa forma, entendemos que é possível dividir esses desejos em categorias quais sejam: consumo supérfluo (um celular novo, um iphone), consumo de imóveis (casa), consumo de meios de transporte particulares (carro e moto), consumo que visa lazer e cultura (viagens) e consumo de educação num sentido mais amplo (uma boa formação).

Dos estudantes entrevistados que cursam o técnico de Gerência em Saúde, 2 têm como principal desejo de consumo um meio de transporte particular como carro ou moto e outros 2 têm o desejo de consumir um celular novo, o que, para nós, trata-se de um consumo supérfluo já que não trata de “ter um celular”, mas sim que este seja novo. Dos 4 estudantes restantes, 3 têm como principal de desejo de consumo viajar, o que entendemos como um consumo que visa lazer e cultura e 1 deseja consumir principalmente “uma boa formação”, o que entendemos como consumo de conhecimento e/ou educação.

Já dos estudantes do curso de Análises Clínicas que foram entrevistados, há uma leve diferença nas respostas sobre o principal desejo de consumo. Dos 8 entrevistados de Análises, 2 desejam um meio de transporte particular, mais especificamente um carro, 2 desejam consumir visando lazer e cultura, como fazer viagens e 4 têm como principal desejo de consumo uma casa própria.

No quadro 6, abaixo, apresentamos os achados que relacionam a formação politécnica e a questão do consumo.

Questão 6 - Na sua avaliação, a formação politécnica traz algum diferencial para pensar a questão do consumo?	
Alunos de Gerência em Saúde	<p>(E.1G.a): “Sim. No curso de gestão ‘eles’ discutem esse assunto, falam sobre as formas de consumir.”</p> <p>(E.1G.b): “Sim, porque eles trabalham essa coisa do capitalismo.”</p> <p>(E.2G.a): “Sim, pois a formação nos faz refletir, de forma crítica, sobre nossa forma de consumir e sobre o consumo de modo geral.”</p> <p>(E.2G.b): “Sim. Antes de entrar na escola consumíamos sem pensar, depois começamos a refletir sobre nossa reais necessidades.”</p> <p>(E.3G.a): “Sem duvidas.”</p> <p>(E.3G.b): “Com certeza. Somos estimulados a pensar sobre várias questões, dentre elas o consumo. A partir disso, pensamos criticamente sobre nossa forma de consumir e, também, como as grandes detentoras de capital nos iludem e influenciam a consumir mais.”</p> <p>(E.4G.a): “Com certeza. Ser aluno desse escola promove o pensamento crítico acerca de várias questões, dentre elas o consumo”.</p> <p>(E.4G.b): “Com certeza. A escola se propõe a fazer uma desconstrução das coisas que parecem mais naturais ou corriqueiras.”</p>

Alunos de Análises Clínicas	<p>(E.1A.a): “Sim, porque o politécnico é um ser crítico. Ele vai consumir, mas vai pensar antes.”</p> <p>(E.1A.b): “Sim, muito.”</p> <p>(E.2A.a): “Sim. A escola nos estimula a pensar sobre essa questão.”</p> <p>(E.2A.b): “Sim.”</p> <p>(E.3A.a): “Acho que sim. A escola quebra o pensamento capitalista de consumir em excesso e nos ensina a dar valor as pequenas coisas.”</p> <p>(E.3A.b): “Traz. A formação dá base para refletir criticamente sobre o conceito de consumo que é difundido.”</p> <p>(E.4A.a): “Sim. A escola abre a pessoa para questões que estão a nossa volta e muitas vezes são negligenciadas. Questões que tem muitos impactos negativos.”</p> <p>(E.4A.b): “Sim. Antes de entrar eu era totalmente alienada, pois nunca havia pensado sobre consumo. Era consumir sem pensar. Celular novo todo ano... A escola te induz a pensar de forma crítica.”</p>
-----------------------------	---

Na questão 6, referente ao ensino politécnico e se esse traz algum diferencial para refletir sobre a questão do consumo, há unanimidade nas respostas. Os entrevistados, de forma geral, acreditam que a escola, a partir de um modelo de educação politécnica, possibilita uma reflexão diferenciada sobre a questão do consumo.

Há uma confluência nas respostas dos entrevistados. Todos os estudantes, tanto os de Gerência em Saúde, quanto os de Análises Clínicas avaliam o modelo de educação politécnico como uma proposta de educação que almeja, dentre várias questões, uma reflexão crítica sobre a questão do consumo. Nesse sentido, acreditam que a formação politécnica possibilita a construção de uma juventude dotada de senso crítico.

Isso corrobora com a nossa impressão sobre esse modelo educacional e nos remete a análise de Campello (2008) sobre o modelo de educação vigente. Em nossa percepção, a educação politécnica permite uma análise crítica da realidade, o que possibilitaria certa elevação do estado de consciência, sobretudo, dos mais pobres, para fazer frente a grande desigualdade social fruto do modelo econômico vigente.

No quadro 7, abaixo, apresentamos observações adicionais compartilhadas pelos entrevistados.

Questão 7 – Você tem outras observações sobre o tema juventude e consumo que gostaria de compartilhar?	
Alunos de Gerência em Saúde	<p>(E.1G.a): - -</p> <p>(E.1G.b): “Os jovens crescem querendo sempre mais. Nunca tá bom.”</p> <p>(E.2G.a): - -</p> <p>(E.2G.b): “Os jovens precisam ter consciência. Nossa época é de consumo exagerado. É preciso orientação sobre o futuro.”</p> <p>(E.3G.a): - -</p> <p>(E.3G.b): “O tema é fundamental para um debate com a própria juventude. Serve para elucidar a relação entre o consumismo e a juventude objetivando que esses façam auto-críticas sobre suas formas de consumir.”</p> <p>(E.4G.a): - -</p> <p>(E.4G.b): “Mesmo sabendo o que o consumo causa, os jovens continuam consumindo. O sistema é tão perverso a ponto do consumo causar prazer.”</p>
Alunos de Análises Clínicas	<p>(E.1A.a): - -</p> <p>(E.1A.b): - -</p> <p>(E.2A.a): - -</p> <p>(E.2A.b): - -</p> <p>(E.3A.a): - -</p> <p>(E.3A.b): “Muito legal o trabalho. Permite um olhar acerca do tema proposto como um ponto de partida para a reflexão dos jovens que, majoritariamente, não tem acesso a um pensamento crítico sobre essa temática.”</p> <p>(E.4A.a): - -</p> <p>(E.4A.b): “Sim. Esse é um tema que deveria entrar nas escolas, mesmo sendo difícil. A escola hoje produz mão de obra, por isso esse tema ajudaria os jovens por possibilitar uma reflexão crítica sobre as formas de consumo individuais e as nossas reais necessidades.”</p>

Em exercício de síntese dos 7 quadros (os achados da pesquisa), entendemos que é possível afirmar que o modelo Politécnico de educação se propõe a estimular nos jovens o exercício do pensamento crítico. Esse pensamento que questiona o *status quo* é fundamental para a formação de indivíduos comprometidos com a melhoria coletiva, para todos, da sociedade.

Entendemos que os 16 estudantes da EPSJV entrevistados apontaram que o consumo na sociedade capitalista tem uma manifestação excessiva e, mesmo diante dessa enxurrada de produtos e influências que estimulam o consumismo, esses jovens demonstraram de forma significativa um pensamento crítico acerca desse consumo exorbitante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito, em nossa percepção o consumo é algo necessário para a reprodução humana. Entendemos que há a necessidade de consumir para satisfazer básicas como se alimentar. Todavia, para nós uma sociedade baseada principalmente no consumo é insustentável por várias questões, dentre elas o alto índice de extração de recursos naturais, a grande quantidade de resíduos que é despejada diariamente, por representarem, de forma geral, riscos à humanidade. E principalmente por sua repercussão sobre determinados segmentos sociais, sobretudo a juventude, nosso objeto de estudo. Portanto, em nossa percepção, discutir o consumo é algo imprescindível.

Nessa perspectiva, retomamos a questão da juventude tendo em vista que o consumo tem uma repercussão particular sobre esse segmento social. Entendemos que esse desdobramento sobre os jovens, se dá de forma diferente (e até mesmo covarde) por se tratar de uma fase de descobertas, de formação de identidade, ou seja, de suscetibilidade. Com isso, entendemos que o olhar dessa sociedade para com o futuro desses jovens é basicamente acerca de duas questões: desses como futuros consumidores, pois desde o início de suas vidas já são incitados ao consumo, são tratados como massa de consumidores, por conta da grande quantidade de propagandas destinadas à juventude e/ou, simplesmente, como mão de obra que, na maioria das vezes é barata.

Ademais, entendemos que o sistema educacional vigente não faz frente a essa realidade. Muito pelo contrário: acreditamos que, além de não haver uma discussão crítica sobre consumo, o que em nossa percepção é indispensável, há o que entendemos como um apassivamento desses estudantes proveniente da ausência de discussão crítica sobre diversas questões, dentre elas o consumo e/ou as formas de consumir. O modelo Politécnico de educação se propõe a fazer diferente, estimulando nos jovens o exercício do pensamento crítico. É diante desse cenário que surgiu nosso interesse em compreender a percepção dos estudantes da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz sobre questões relacionadas ao consumo.

Dessa forma, entrevistamos 16 estudantes da EPSJV dos cursos de Gerência em Saúde e Análises Clínicas. Nosso objetivo consistiu em entender a visão desses jovens acerca dos temas juventude e consumo. Entendemos que os estudantes Politécnicos, por serem estimulados a pensarem de forma crítica, buscaram refletir sobre os sentidos do consumo. Mesmo sendo

adolescentes, ou seja, suscetíveis ao “mar” do consumo contemporâneo, são capazes de refletir sobre a influência do modo de produção capitalista em seus “padrões” de consumo.

Nossa impressão sobre a pesquisa foi, de forma geral, positiva no sentido da crítica aos padrões de consumo na juventude. Não houve diferenças importantes nas percepções dos estudantes dos cursos de Gerência em Saúde e Análises Clínicas. Bem diferente disso: em nosso entendimento há uma confluência no pensamento desses. Todos os estudantes entrevistados apontaram que o modelo politécnico de educação é um modelo educacional que traz uma formação diferenciada no ensino médio. Ademais, destacamos também que os desejos de consumo dos estudantes politécnicos centraram-se em viagens, compra de casa e compra de meio de transporte próprio. Entendemos que é possível afirmar que esses desejos de consumo podem apontar a contribuição da educação politécnica para a formação de sujeitos sociais e não apenas de “bons alunos”.

Portanto, é nossa pesquisa, ainda que exploratória, apontou que a Politecnia traz diferenciais para pensar sobre o consumo na contemporaneidade. Destacamos que houve uma tentativa de que esse modelo educacional fosse implementado em nível nacional, contudo foi negado. Temos a convicção que essa negação histórica brasileira de universalização do ensino politécnico é tendenciosa em favor do capital.

Dessa forma, nos questionamos sobre quais interesse – e de quem – estão em jogo ao manterem o sistema educacional como está, que gera passividade nos jovens, que os estimulam principalmente a trabalhar e não a pensar. Em nossa compreensão há interesse dos grandes empresários e reprodutores da lógica capitalista em uma juventude, principalmente, os mais pobres, sem acesso ao exercício do pensamento crítico, uma juventude dócil para que sejam dominados com facilidade e que também reproduzam de forma alienada o discurso de quem os exploram, os sufocam, e por fim, os matam.

A ausência de pensamento crítico, em nossa visão, além de fazer com a juventude consuma mais – por não pensarem de forma crítica sobre a real necessidade de determinados objetos e pelas influências dos meios de comunicação – faz com que esses não problematizem a realidade social em que estão inseridos, naturalizando toda desigualdade proveniente do modo de produção capitalista, fazendo com que esse sistema desleal e desigual se consolide ainda mais.

Certa vez em um centro cultural indígena observou-se a seguinte frase: “o livre saber anula toda a hierarquia”. Para nós, essa frase tem uma relação com nosso trabalho, pois, em nossa percepção, os jovens são privados de muitos saberes para que não pensem e apenas reproduzam. Em nossa visão isso contribui para a manutenção do *status quo*, pois privar os jovens de uma formação dotada de pensamento crítico significa manter a hierarquia social desigual. Torna-se, então, evidente a necessidade de superação não só do modelo educacional perpassado pelos interesses do grande capital, mas também desse modelo econômico – dito de desenvolvimento – para que, ao longo do tempo se possa perceber e mudar essa forma inescrupulosa de consumir que, além causar grandes danos ao meio ambiente, é o principal responsável por todas as mazelas sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor Ltda, 2004.

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Editora 70, 2011.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor Ltda, 2008.

BRASIL. Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado. **Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado**. Brasília: MARE, 1995.

CAMPELLO, A. M. **Dualidade educacional**. In: PEREIRA, I. B. (org) Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

CARINHATO, P. H. **neoliberalismo, reforma do estado e políticas sociais nas últimas décadas do século xx no Brasil**. Revista AURORA ano II número 3 - DEZEMBRO DE 2008. P. 37-46.

MARX, K. **O Capital**. Tomo 1, Volume 1. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORESI, E. (Organizador). **Metodologia da Pesquisa**. Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação da Universidade Católica de Brasília. Brasília: UCB, 2003.

OLIVEIRA, A. M. **A juventude perante a sociedade de consumo: paradoxos e novas configurações identitárias**. In: Anais do I Simpósio Internacional de Educação/IV Fórum Nacional de Educação. Ulbra Torres. Maio/2007.

RIZZOTTO, M. L. F. **Neoliberalismo e saúde**. In: PEREIRA, I. B. (org) Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

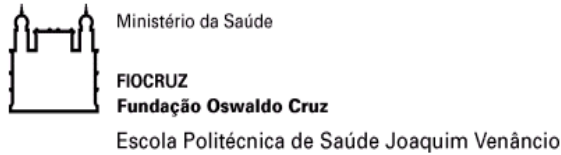
RODRIGUES, J. **Educação Politécnica**. In: PEREIRA, I. B. (org) Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

SAVIANI, D. **“O choque teórico da Politecnia”**. Rev. Trabalho, Educação e Saúde, 1(1):131-152, 2003.

SILVA, L. B. **Condições de Vida**. Libertas, Juiz de Fora, v.10, n.2, p. 172 - 187, jul-dez / 2010.

SOARES, L. T. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina.** SP: Cortez, Coleção Questões da nossa época, 2ª edição, v.78, 2002.

SZAPIRO A. M. & RESENDE, C. M. A. **Juventude: etapa da vida ou estilo de vida?** In: Psicologia & Sociedade, 22(1), 43-49, 2010.



Apêndice 1 - Roteiro de entrevista para alunos da EPSJV

Projeto: Consumo de Juventude

Pesquisador: Igor Ulisses Leite Gomes

Orientador (Pesquisador Responsável): Letícia Batista da Silva

- 1) O que é consumo para você?
- 2) Como você entende a relação entre juventude e consumo?
- 3) Como você entende a questão do consumo na sociedade capitalista contemporânea?
- 4) O que você consumiu nas duas últimas semanas? Dê exemplos.
- 5) Qual o seu principal desejo de consumo?
- 6) Na sua avaliação, a formação politécnica traz algum diferencial para pensar a questão do consumo?
- 7) Você tem outras observações sobre o tema juventude e consumo que gostaria de compartilhar?



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Consumo e Juventude”. O objetivo da pesquisa geral da pesquisa é compreender a percepção de estudantes da EPSJV sobre os temas “consumo e juventude”. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo a sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A pesquisa faz parte da formação do aluno do Curso Técnico em Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Saúde com Habilitação em Gerência de Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ) e visa através do PTCC (Projeto Trabalho, Ciência e Cultura), promover a educação pela pesquisa e tornar os jovens produtores de conhecimento. Os riscos relacionados à sua participação podem ser considerados mínimos. Os benefícios referem-se à possibilidade de participar de uma experiência de pesquisa e, também, um aprofundamento da reflexão acerca da questão do consumo e juventude.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista de cerca de uma hora, sendo a entrevista gravada em áudio para posterior transcrição, visando facilitar o processamento do material. Entretanto, você pode solicitar ao pesquisador que interrompa a gravação a qualquer momento durante a realização da entrevista. As informações obtidas através desta pesquisa são confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Por meio deste, solicitamos também sua autorização para gravação em áudio da entrevista para coleta de dados.

Dessa forma, os dados aqui coletados poderão ser publicados/divulgados sem revelar, todavia, a identidade de seus participantes. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa

da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Letícia Batista da Silva
Endereço: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), sala 321.
Fundação Oswaldo Cruz.
Av. Brasil 4365, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ.
CEP 21040-900.
Telefone: (21) 3865-9780. E-mail: leticiabatista@fiocruz.br

Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz
Endereço: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) – sala 317.
Fundação Oswaldo Cruz
Av. Brasil 4365, Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ
CEP 21040-900.
Telefone: (21) 3865-9710. E-mail: cep@epsjv.fiocruz.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ de _____ de 2016.

Participante da Pesquisa